

O COMMERÇIO DE BARCELLOS

SEMANÁRIO MONARCHICO

DIRECTOR E EDITOR—J. G. Paes de Vilas-boas

Redacção e administração—Rua D. António Barroso, n.º 40

Propriedade—EMPRESA DE «O COMMERÇIO DE BARCELLOS»

Composição e impressão—Rua D. António Barroso, n.º 40

Somos monarchicos

Aberta e francamente hoje dizemos que somos monarchicos.

Nunca outras foram, e já mais outras serão, as nossas convicções.

Durante dois meses não pudemos dizer o abertamente.

Hoje dizemos o com tanta maior satisfação e tanto maior orgulho, quanto é decidida e certa na prática essa fallaciosa de que sempre estivemos convencidos.

Somos monarchicos, nem outra coisa podíamos ser,

Quem trabalha por convicção firme n'um ideal, não pode mudar.

Porque uma convicção para formar-se e definir-se, é porque teve solida base.

Nos tempos da Monarchia nós defendemos sempre com desinteresse.

Defendiamos-a porque éramos monarchicos, porque as nossas convicções, os nossos sentimentos e as nossas crenças isso nos ordenavam.

Havia quem também a defendesse, leal ou deslealmente, por necessidade ou por interesse. Esses eram monarchicos por consequência da sua situação.

Sempre contra elles clamamos, sempre n'elles vímos, como não vimos, como não a encontramos e ninguém encontrou na experiência prática a que se está procedendo há dois meses.

Muito pelo contrario. A opinião dos que sempre assim pensaram, vem, dia a dia, juntando-se a dos desiludidos e desenganados, mesmo de muitos republicanos.

A Republica até hoje só tem tomado como exemplo os tempos monarchicos que sempre combatemos.

Os vicios do regimen anti-gó, esses vicios, que sempre apontamos, ainda não vimos que fossem modificados, ao contrario vemos alguns reditados, e em edição corrigida e aumentada.

—Somos monarchicos, mas não queremos esse regimen que fez abater as antigas Instituições.

Essas corrupções, essas immoralidades, esses critérios mesquinhos de administração estreita e sobretudo essa cobardia moral, essa pusilanimidade, de que tantas provas deram aquelles que mais se apregoavam estesios das Instituições.

Queremos a monarchia por que é n'ella que está a salvação d'esta Patria, que é nossa e que muito amamos.

Queremos a Monarchia, já livre de vicios passados, já depurada dos elementos morbos que a infecção traiçoeira e cobardemente, elementos que, felizmente, hoje, ou aderiram à Republica, ou, se não aderiram, já suficientemente se desmascararam, para que já-mais possam voltar a ludibriar-nos e a ludibriar El-Rei.

Cabem na monarchia todas as aspirações liberaes, cabem na Monarchia todos os

republicana, que até os republicanos portuguezes repudiam como exemplo.

Resta na Europa uma república modelo, a Suíça, que, pelas suas excepcionais condições, como outras não podem achar-se, enfileira na vanguarda do progresso, restricta á paz tranquilla dos seus cantões.

Se é a Europa que dá leis ao mundo, como é de uso dizer, implicitamente ha que confessar que são as monarchias que dão leis ao mundo.

—Portugal, pela força da tradição, pelo carácter do seu povo, é um paiz fundamentalmente monarchico.

A monarchia é a forma de governo que melhor comprehende, que melhor recebe, que ás suas crenças melhor vae.

O portuguez é liberal, monarchico e catholico.

Disto estivemos sempre convencidos, hontem como hoje, e como amanhã continuaremos a estar.

Nunca pela imaginação nos passou a ideia de que a Republica podesse salvar o paiz.

Na Monarchia sim, vímos a forma de salvação, bem simples e facil.

Na Republica não vimos, como não vimos, como não a encontramos e ninguém encontrou na experiência prática a que se está procedendo há dois meses.

Muito pelo contrario. A opinião dos que sempre assim pensaram, vem, dia a dia, juntando-se a dos desiludidos e desenganados, mesmo de muitos republicanos.

A Republica até hoje só tem tomado como exemplo os tempos monarchicos que sempre combatemos.

Os vicios do regimen anti-gó, esses vicios, que sempre apontamos, ainda não vimos que fossem modificados, ao contrario vemos alguns reditados, e em edição corrigida e aumentada.

—Somos monarchicos, mas não queremos esse regimen que fez abater as antigas Instituições.

Essas corrupções, essas immoralidades, esses critérios mesquinhos de administração estreita e sobretudo essa cobardia moral, essa pusilanimidade, de que tantas provas deram aquelles que mais se apregoavam estesios das Instituições.

Queremos a monarchia por que é n'ella que está a salvação d'esta Patria, que é nossa e que muito amamos.

Queremos a Monarchia, já livre de vicios passados, já depurada dos elementos morbos que a infecção traiçoeira e cobardemente, elementos que, felizmente, hoje, ou aderiram à Republica, ou, se não aderiram, já suficientemente se desmascararam, para que já-mais possam voltar a ludibriar-nos e a ludibriar El-Rei.

Cabem na monarchia todas as aspirações liberaes, cabem na Monarchia todos os

progressos, como na forma monarchica elles cabem nos mais adiantados paizes. E para salvar o paiz, não é necessário ir offendel-o no que elle tem de mais caro, nas suas crenças e nas suas liberdades, que liberdade alguma pôde justamente coartar.

—Com dois meses de Republica, que temos?

Estamos na mesma, sob o ponto de vista positivo e pratico de medidas salvadoras ou de modificação nas práticas governativas.

Quanto a liberdades, com franqueza, não é uma Monarchia tão avara de liberdades, que nós desejamos. Costumes e normas velhas, velhissimas, as mais desfeitas.

De anti-religiosismo vemos muito, muitíssimo, como vemos o nacer de formulas sobre direito que seriam pitorescas se não fossem tão duros os efeitos.

De sorte que, nós que continuamos vendo na Monarchia, honesta, liberal, progressiva e depurada de vícios e de traições, a unica forma de governo util a este paiz e a unica que pôde restaurar o elevant-o, nós que, com a mesma firmeza de convicção, continuamos a defender o ideal monarchico, só temos encontrado, no regimen novo, razão, e de peso, se de novas razões necessitassemos, para sentir avigorados os nossos sentimentos e as nossas crenças monarchicas.

Muito pelo contrario. A opinião dos que sempre assim pensaram, vem, dia a dia, juntando-se a dos desiludidos e desenganados, mesmo de muitos republicanos.

A Republica até hoje só tem tomado como exemplo os tempos monarchicos que sempre combatemos.

Os vicios do regimen anti-gó, esses vicios, que sempre apontamos, ainda não vimos que fossem modificados, ao contrario vemos alguns reditados, e em edição corrigida e aumentada.

—Somos monarchicos, mas não queremos esse regimen que fez abater as antigas Instituições.

Essas corrupções, essas immoralidades, esses critérios mesquinhos de administração estreita e sobretudo essa cobardia moral, essa pusilanimidade, de que tantas provas deram aquelles que mais se apregoavam estesios das Instituições.

Queremos a monarchia por que é n'ella que está a salvação d'esta Patria, que é nossa e que muito amamos.

Queremos a Monarchia, já livre de vicios passados, já depurada dos elementos morbos que a infecção traiçoeira e cobardemente, elementos que, felizmente, hoje, ou aderiram à Republica, ou, se não aderiram, já suficientemente se desmascararam, para que já-mais possam voltar a ludibriar-nos e a ludibriar El-Rei.

Cabem na monarchia todas as aspirações liberaes, cabem na Monarchia todos os

Lições da História

«Para traz não se volta!...» Eis a phrase que se lê agora a cada passo, nos jornais republicanos e em outros que o grande das conveniências colou ás novas instituições, tornando-os tão adherentes que até parece que nunca professaram outras ideias que não fossem as da mais radical e da mais avançada democracia! «Para traz não se volta!...» E o refrain de artigos varios, de escriptos inflamados, alguns saídos de pennas aguçadas, que ainda ha poucas semanas combatiam ardimente em prol da monarchia..

Com aquella phrase, querão significar, os que tantas vezes a repetem, que o progresso caminha sempre e que os povos vão avançando constantemente, como sem cessar prosegue, na sua marcha triunfal, a civilização do mundo! —Nesse caso, estamos d'accordo. Se, porém, sabemos que são as instituições republicanas que hoje governam a grande nação latina, mas este facto não apaga nem rasga as páginas da História, e d'esta consta que, por duas vezes, em França, a seguir á republica, voltou a monarchia.

Provado fica, pois, cremos-nos, que se aquelles que ahí escrevem constantemente que

«para traz não se volta!...» querem exprimir a ideia de

que em Portugal não pôde regressar-se á monarchia, enganam-se e erram redondamente, como os factos que deixamos evocados, á saciedade demonstram. Se, porém,

com a phrase que republicanos puros e adherentes impuros ahi volveram em repetido estribilho, se quer dizer que os povos progridem sempre e que ao povo portuguez

não é permitido retrogradar,

na ampla e luminosa estrada da civilização — então sim, estão estamos d'accordo.

Mas folheemos a História.

Desnecessario é sahir das fronteiras das nações da nossa raça, d'aquelleas com as quais vizinhiamo—a Hespanha e a França. Podíamos ir ler as paginas da historia antiga, e ali veríamos como o povo romano passou da republica ao imperio e como este, durante mais de tres séculos, fez grande e omnipotente aquela raça d'heróes.

Mas não é necessário retroceder até tão longe. Vejamos o que sucedeu em Hespanha.

Foi ha menos de quarenta anos. O rei Amadeu, que

uma revolução alteára até ao trono dos Bourbons, abdicou, desanimado, desfalecido, sem coragem para arcar com as dificuldades da situação em que se encontrava.

Em fevereiro de 1873, era proclamada a republica, em Hespanha. Pois bem! Em dezembro de 1874—vinte e dois mezes depois—a seguir ao pronunciamento de Sagunto, a monarchia era novamente restaurada, e ainda hoje são as instituições monarchicas que governam a nação visinha.

Desfeito o equívoco que prendia, mau grado seu, o nosso director na referida

situação, imediatamente por elle requerida a sua demissão e obtida esta no dia 3 do corrente, cessou a unica causa

do nosso rotulo de «independente».

Podemos, pois, hoje dizer, com toda a clareza, a unica forma competitiva com o nosso carácter e os nossos sentimentos, que «O Commercio de Barcellos» está onde sempre esteve, porque sempre foi e será sempre um modesto, mas firme e dedicado

semanário monarchico.

Voltemo-nos agora para a França. Ali, duas vezes, a seguir á republica, foi proclamada a monarchia. Com a

grande Revolução, fez-se a primeira republica, mas com o golpe de Estado do 18 de

maio veio o Consulado e cinco annos depois surgiu o

imperio, com Napoleão III como

senhor absoluto da França e até quasi da Europa inteira. Voltaram, em seguida, os Bourbons, ai que a revolução de 1848 de novo in-

plantou em França as instituições republicanas. Quanto tempo governaram a França? —Menos de quatro annos. O golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, novamente collocava no trono de França um imperador—Napoleão III, ou Napoleão, le petit, como Victor Hugo chama ao homem que a Alemanha esmagou em Sedan.

Eis ahí a monarchia duas vezes proclamada em França, depois de ali ter sido hastead o pendão republicano. Bem sabemos que são as instituições republicanas que hoje governam a grande nação latina, mas este facto

não apaga nem rasga as páginas da História, e d'esta

consta que, por duas vezes, em França, a seguir á republica, voltou a monarchia.

Provado fica, pois, cremos-nos, que se aquelles que ahí escrevem constantemente que

«para traz não se volta!...» querem exprimir a ideia de

que em Portugal não pôde regressar-se á monarchia, enganam-se e erram redondamente, como os factos que deixamos evocados, á saciedade demonstram. Se, porém,

com a phrase que republicanos puros e adherentes impuros ahi volveram em repetido estribilho, se quer dizer que os povos progridem sempre e que ao povo portuguez

não é permitido retrogradar,

na ampla e luminosa estrada da civilização — então sim, estão estamos d'accordo.

E não é permitido afirmar que, em Hespanha e em

França, pelo facto de as duas nações nossas vizinhas, passarem mais de uma vez da republica para a monarchia, deixaram elas de avançar.

Não! Caminharam sempre, e, quer sob a republica, quer sob a monarchia, a França nunca deixou de indicar e ensinar ao mundo, qual devia ser o trabalho a desenvolver para se alcançar a perfeição social. E foi talvez á luz desse ensinamento, que a Noruega, ha pouco separada da Suecia, preferiu o regimen monarchico ao regimen republicano. E o povo na Noruega é um grande povo.

Do Liberal.

Devem ser chamados ao tribunal os pais que enviem seus filhos á escola em cuja

entrada se escreve —

AQUI NÃO SE ENSINA RELIGIÃO.

O ensino religioso é

hoje mais necessário do

que nunca. QUANTO

MAIS O HOMEM SE

DESENVOLVE, MAIS

DEVE CRER.

Victor Hugo.

NOTAS

Wenceslau de Lima

(Do Correio da Manhã)

Diz um jornal da manhã que o sr. Wenceslau de Lima tem estado em Woodnorton, onde está á frente do cabinet politique, que esse jornal pretende ter El-Rei organizado.

Tudo isso é absolutamente falso.

O sr. Wenceslau de Lima foi a Woodnorton no dia do aniversario de El-Rei, chegando n'um dia e partindo no seguinte, e não é chefe do seu cabinet politique, nem El-Rei tal coisa organizou.

Tudo isso é péta, refinadissima péta, inventada não sabemos com que intuito, mas talvez com o de descontentar e desanimar os monarchicos, que hourly se manteve no seu posto, e que não poderiam deixar de se desanimar e de se desgostar se soubessem El-Rei rodeado e aconselhado por aquelles que nos últimos tem

Força d'habito

N'um dos numeros d'esta semana do «Diario de Notícias» (este tambem adheriu), consigna-se o aplauso ao governo pelas sabias e energicas medidas tomadas a propósito da greve de Setubal.

Entre as varias medidas adoptadas apparece uma, que, deve ser menos veradeira.

Trata-se do embarque de mercadorias protegido pela força armada, que em ultimo caso efectuaria, ella mesma, o dito embarque.

E engano, pela certa. Nos tempos da *ominosa* era muito natural, mas na Republica, não pôde ser.

Comprehende-se o motivo do engano. Como o «Diario de Notícias» era, ainda ha pouco, monarchico, esqueceu-se agora que tinha aderido e publicou a noticia como se a Monarchia ainda estivesse no poder.

Com o tempo, ha-de modificar-se.

Independentes

Um denodado republicano do Porto, fazendo ha dias uma conferencia sobre o caso Djalme, jogou umas *biscas* ao governo provisorio e ao partido republicano.

Entre outras coisas, o referido cidadão disse que o governo devia inspirar-se na opiniao publica, segundo as suas indicações; que a opiniao devia ser a impulsora e dirigente do governo; e, finalmente, que elle orador não podia concordar com essa attitudo *admiratica* que quasi todos republicanos apresentam em face do governo.

Não tem razão o orador republicano.

Nós que somos talassas, o que temos muita honra n'isso, se não estamos tambem *admira los*, é porque estamos pasmados, assombrados, de boca aberta perante... tanta liberdade, tanto progresso, tanta moralidade e, sobretudo, tanta legalidade e tanta fraternidade, que, a cantaros, o governo provisorio despeja sobre o paiz tão generosamente que, até a nós, impenitentes talassas, chega uma boa dose de taes e tão fecundos beneficios.

Fraternidade

Segundo se lê no «Janeiro» de 7, os soldados do 1.º batalhão de voluntarios da Republica, enviaram ao sr. ministro da guerra um telegramma de protesto energico contra a commissão organadora, ao mesmo tempo que pediam a conservação das suas regalias.

Que santa paz! Que santa fraternidade!

E ainda não tem armamento. Que farão quando o tiverem?!

CRITICAS

Em comboio especial, chegaram na ultima terça-feira a Lisboa, cerca de 700 republicanos de Mafra e arredores, que alli foram saudar o governo provisorio da Republica.

Esta excursão de sinceros republicanos foi organizada pelo antigo partidario do sr. Teixeira de Souza, ex-administrador do concelho de Mafra, o *sincrissimo* monarchico sr. Baptista Ribeiro, de quem, ao que se diz, os antigos republicanos tinham grandes aggriavos.

Ora o melhor da festa é que quando o alludido sr. Baptis-

ta Ribeiro, se propunha a organizar o cortejo que da estação do Rocio devia seguir para o Terreiro do Paço, a cumprimentar o governo, quando as duas bandas de musica que acompanhavam os excursionistas já atacavam rijamente a *Portuguesa*, um grande grupo de populares que alli se havia aglomerado, rompeu em enor-mes chinfrim, caindo um verdadeiro chuveiro de cebolas e batatas sobre os infizes excursionistas, que pouco a pouco se foram escapando, no meio da mais diabolica confusão!

E ahí está como uma festa tão bem principiada teve um tão desastrado fim!

Provavelmente, ainda a estas horas, os *adhesivos* de Mafra e seus arredores, estão muito ocupados a escovar os domingueiros fatos, como que tão janotamente se apresentaram em Lisboa, a pôr nas respectivas testas alguns pannos molhados em vinagre para curar um ou outro *gallo* produzido pelas batatas e a dar ao diabo a sua adhesão ao novo regimen e a maldita lembrança do amigo Baptista Ribeiro...

Se a moda pega, de correr a batatas e a cebollas os *adhesivos*, vamos ter com certeza grande subida no preço das ditas, porque as que ha, não chegam a nada. Olha se o nosso Baptista Ribeiro e mais *adhesivos* cá da parvonia se lembram também de uma passeata até Lisboa! A sorte que os esperava...

Eu não sei se os senhores já viram aquelle pequeno *arranjo* que se está fazendo no jardim publico da villa e que custa uma bagatela, assim uma cousa que pouco passará de uns miserios cent mil réis? Pois se ainda não viram, devem vêr, porque vale a pena. Eu tambem não tinha visto, e só ha poucos dias é que a curiosidade alli me levou em companhia de um amigo, quo para o caso chamou a minha atenção.

Realmente, o tal *arranjo*, tão elogiado por alguns jornais cá da terra, muito affectionados á comissão municipal, não é de todo mau. Pelo menos tem a grande vantagem de dar na vista e de dar também vistas largas ás janellas dos predios vizinhos. Ainda o quo valeu, foi a comissão municipal dár preferencia ao pequeno *arranjo*, porque se em vez d'este é o outro, o grande *arranjo*, o tal que custava pouco mais de trezentos mil réis, sempre hies dirigido que o nosso jardim estava agora transformado em uma era. Que elle, a bein dizer, pouco lhe falta. De jardim só tem agora o nome. Eu, d'esta idade em que estou, e creiam que já não é pouca, nunca vi um jardim sem arvores... Só em Barcellos e nestes felizes tempos da Republica!

Aquillo foi mesmo um desastro. Quasi que não deixavam uma só das arvores que alli existiam, se é que as poucas que ainda estão de pé não vão ter a mesma sorte das suas pobres companheiras. Foi tudo derrubado para dar lugar, ao que dizem, a uma plantação de pequenos arbustos, que não crescam muito, que não tirem a vista ao S. Bento, que de dentro do seu nicho sob a porta do antigo convento das freiras tambem deseja ver quem passaia no jardim.

Agora, no verão, quem se atrever a entrar n'aquelle recinto, enquanto houver sol, pode ter a certeza de que se rai queimado, pois não terá uma unica arvore que lhe dé sombra. Vae a gente a um jardim

de qualquer terra civilizada, e o que vê, de preferencia a arbustos e flores, são as grandes arvores, bem copadas, que nos cobrem dos ardentes raios do sol e que nos proporcionam com a sua sombra, um pouco de fresca, para as tardes calmosas do verão. Mas aqui em Barcellos é exactamente o contrario. Os nossos sabios não querem arvores nos jardins e, por isso, derrubam-n'as.

Abençoada terra!

E lembrar-se a gente do escarceu que para alli se fez, aqui ha poucos annos, quando uma das ultimas vereações commetteu o grande crime de mandar fazer uma inofensiva poda nas arvores da praça D. Pedro V, poda que muito as beneficiou, como agora se vê!

Quasi que esteve para rebentar uma Maria Bernarda...

Como se devem sentir vingados os vereadores d'então, tão grosseiramente tratados por causa d'essa poda inofensiva, ao verem hoje um dos seus maiores censores, ordenar a destruição de todo o arvoredo do jardim publico!!!

Comediantes...

X

O orgão republicano local diz que a *thalassaria* andou radiante de alegria na ultima semana, por causa das *greves*, dos tiros em Gaya, etc., imaginando que surgiria de tudo isso a restauração da Monarchia e saboreando já (ai que marotos!) umas vin-guinhas, assim a modos de torturas, forca e fogueiras para exterminar os republicanos e seus *adhesivos*...

Não se assuste, collega, que ninguem lhe faz mal...

Acredite que o motivo do contentamento dos *thalassas* não era por causa das greves nem dos taes tiros, que por signal não causaram victimas, mas por um outro muito diferente e que ainda subsiste.

Quer saber o motivo desse alegria, de todo esse contentamento, que o doutissimo collega lobrigou nos *thalassas*? Pois ahi vae, para que não fique a imaginar cousas favorosas.

Os *thalassas* estão contentes, mesmo muito contentes, por verem que o novo regimen que só tem douze meses de existencia, já está velho, já vae cahindo aos pedaços,

desacreditado, e por verem tambem que os homens,

a quem a traição de alguns e a cobardia de muitos, entrougou a direcção d'este mal-aventurado paiz, pouco mais tecem feito do que provar a sua incapacidade intellectual para se desempenharem dos cargos a que foram elevados.

Isto é a maior, a mais completa fallencia de um regimen e dos seus homens!...

Já vê o collega que não ha motivo para tristezas.

XII.

Republica e Religião

o procedimento de um chefe de Estado — a H. do Brazil

Dizem noticias de S. Paulo, que achando-se reunidos em sessão os eminentes prelados das tres provincias eclesiasticas meridionaes, foram interrompidos momentaneamente os seus trabalhos, para receberem a visita do presidente do Estado, que «officialmente» lhes ja

nagens dos milhões de católicos que Deus houve por bem collocar sob seu governo.

Acompanhado de seus ajudantes de ordens, compareceu o Dr. Albuquerque Lins. Para que não houvesse dúvida na interpretação do seu acto, elle mesmo tomou a palavra para declarar abertamente, positivamente, que não ia simplesmente como católico apostolico romano que se usava de ser mas como chefe de Estado, como Presidente de S. Paulo, dar as boas vindas aos principes da Egreja, e demonstrar a satisfação pelo governo do Estado por vêr reunidos os chefes espirituais, e reconhecer o resultado benefico do desenvolvimento da accão da Egreja Católica no Brasil.

Os actuaes governadores de esta malfadada terra luzitana, logo no anno primeiro da republica, fazem a guerra mais cruel e rancorosa a Egreja!

O Brazil, oh! o Brazil, está muito atrasado, o Brazil, é reaccionario dirão os grandes liberaes de cá e com elles toda essa curiosa colleccão de *adhesivos* eloquentes que por ali passaram a pinponica vacuidade. Finos, modernos, hyper-civilizados, são elles, os democratas de cá, os historicos e *adhesivos*.

E vá lá convencel'os do contrario!...

CACIQUES... REPUBLICANOS

O nosso collega «A Democracia», publicou no seu numero de quarta-feira, o seguinte telegramma:

Abrantes, 6, às 8:50, h. — «Democracia» — Lisboa.

As commissões dirigentes do partido republicano de Abrantes, protestam energicamente em nome do povo democratico do concelho, que se não presta a joguetes de caciques monarchicos e republicanos, contraria o abuso de usar do nome do povo de Abrantes na homenagem de

4 do corrente ao dr. Affonso Costa, pois não consignou poderes escritos ou verbais que autorisasse similhante manifestação. Informaram o Directorio do partido em officio de 29 de novembro.

As commissões.

Mas então tambem ha caciques republicanos?

Pois nós imaginavamos que só nos partidos da *ominosa* monarchia é que havia essa praga dauninha!

Bem nos diz aqui o nosso vizinho, que os homens são todos os mesmos!...

E a respeito da tal mensagem do povo d'Abrantes, em que se cognominava o sr. Affonso Costa de Pombal do seculo XX, pôrce, pelo que se depreende do telegramma, que ella é apócrifa, que os taes caciques abusaram, pois não estavam autorisados a fazer manifestações d'aquelle orden em nome do povo d'Abrantes.

Pois é pena, porque o cognome de Pombal estava mesmo a callhar no sr. Affonso Costa.

Mas não tem dúvida. Não fica com o cognome de Pombal, mas pode ficar com o de Capoeira, que lhe deu ha dias o nosso collega «Correio da Ma-

O PAIZ REPUBLICANO

São de uma entrevista de um dos redactores do *Seculo* com o sr. Malva do Valle, secretario do directorio do partido republicano, sobre a oportunidade de se realizarem as eleições geraes dentro de breve tempo; os periodicos, que transcrevemos d'aquelle Jornal:

— O directorio — disse-nos — entende que não deve, por enquanto, pronunciar-se sobre a oportunidade da época marcada para as eleições. Por ora encontra-se, de acordo com todas as corporações partidarias, na mais intensa propaganda.

A necessidade de republicanizar o paiz é obvia e a sua urgencia impõe-se, todos os que se interessam com amor pelo futuro das novas instituições. Ha provincias onde a palavra redemptora da democracia mal tem chegado. A de Traz-os-Montes é outra. Calcule que em muitas freguezias do districto de Castello Branco não podem funcionar as corporações democráticas por não haver em numero suficiente individuos que saibam ler. Traz-os-Montes — o districto de Villa Real, principalmente — vai ser atacada com desredo. Para lá parte, dentro em breves dias, o directorio, que fará conferencias em varios pontos e comícios n'outros, para atrair á Republica a massa popular, ainda inerte e indecisiva, segura nas mãos dos caciques monarchicos, que pretendem continuar a oriental-a conforme lhes apouver, dispositos a erguerem como obstaculo insuperavel ante o paiz e as instituições republicanas. Os republicanos historicos tem como um dos seus principais intentos aniquilar o caciquismo.

Como? Não é tão difícil como a primeira vista pode parecer... Mas então ainda ha monarchicos em Portugal?

Muito enganada anda a gente n'este mundo!

Habiluados ha dois meses a ouvir dizer a todos os republicanos e a ler nos grandes jornaes do seu partido, que o paiz estava todo republicano que, francamente, chegamos quasi a acreditar que assim fosse, e que seria hoje tão raro encontrar um monarchico, como raros são, entre nós, os melhores brancos.

Pois creiam o redactor do *Seculo* e mais o sr. Malva do Valle, que nos deram um grande alegrão com a notícia de que ainda cha provincias onde a palavra redemptora da democracia mal tem chegado.

Olhem que fortuna a nossa. Como *O Commercio de Barcellos* é hoje um dos poucos jornaes monarchicos do paiz, calculem o numero de assinantes e de leitores que nós vamos ter nas provincias de Traz-os-Montes e Beira Baixa.

Vamos já aumentar á tiragem do nosso jornal e mandar para alli alguns milhares de exemplares.

NOTICIARIO

A lei do inquilinato

Dizem os jornaes que depois que foi publicada a celebre lei do inquilinato, tem sido retirados da caixa municipal de Lisboa, cerca de trescentos requerimentos pedindo licenças para construções.

Ahi estão os effeitos da grande obra do sr. Affonso Costa.

Juros de inscrições

Já estão em pagamento, na repartição de Fazenda d'este concelho, os juros das inscrições da divida interna, relativos ao 2.º semestre do corrente anno.

Official demitido

A ordem do exercito de 3 do corrente, publica a demissão do servico do exercito, a seu pedido, do alferes d'infanteria de reservas sr. dr. Joaquim Paes de Villas Boas, nosso predadissimo amigo e director d'este jornal.

O sr. dr. Joaquim Paes, logo que foi proclamada a Republica pensou em pedir a sua demissão do exercito, visto os seus sentimentos de monarchico convicto e leal não se compadeceem com o servico do novo regimen.

Por motivo de umas informações, que só muito tarde pôde verificar serem erroneas, o alludido official resignou-se a permanecer no exercito, com o fundo desgosto de quem com tanto fervor amava o azul e branco quo difficil, se não impossivel, lhe era devotarse por novos symbolos de novo ideal.

Logo, porém, que soube da possibilidade de obter a sua demissão, imediatamente à pediu, apresentando, ha cerca de um mez, o seu requerimento no comando militar de Barcellos.

Ao nosso querido amigo e distinto director os nossos parabens, que muito calorosamente lhe damos, porque sabemos quanto o desgostava a singida, falsa mentrosa situação em que se encontrava.

Caixa Económica

Já funciona na repartição de Fazenda d'este concelho, a filial da Caixa Económica, que por determinação superior foi mandada instalar n'esta villa.

Novos jornaes

Substituindo o antigo, somanario da visinha villa de Famalicão, *O Regenerador*, acabou de aparecer alli um novo jornal *A Paz*, semanário que se apresenta como independente, completamente desligado de compromissos politicos e vizando unicamente um fim mais alto, a defesa dos principios christãos, cuja moral quer ver ensinada nas escolas e praticada por toda a parte como unica força basilar das sociedades que progredem.

Agradecendo a visita do novo collega, desejamos-lhe longa vida e prosperidades.

Reforma Social

Com este titulo acabamos de receber o numero programma de um novo diario, que brevemente encetará a sua publicação em Lisboa e que é orgão do partido socialista republicano.

A Virgem da Conceição

Na egreja da Misericordia, a expensas de uma devota e com o auxilio de alguns do-nativos enviados ao rev. sr. padre Augusto José da Cunha, encarregado de a realisar, teve lugar, ante-hontem, a festa em honra da Immaculada Conceição de Maria, a que já a jui nos referimos.

Foi uma linda festa que deve ter deixado a mais agradável impressão em todos os assistentes e especialmente aos seus devotos promotores.

Pela manhã houve missa solemne, a grande instrumental, pela orchestra da banda dos Voluntários, sob a habil regencia do seu dígnio director, o sr. Silva, sendo ouvida com muito agrado.

De tarde houve sermão pelo nosso talentoso amigo rev. abade Alexandrino José Leituga, distinto orador sagrado, que mais uma vez confirmou os seus conhecidos méritos. Fim o sermão houve Te Deum e benção.

Apesar do pessimo tempo que fazia, na egreja via-se grande concorrência de fieis.

O templo ostentava uma ar-mação singela mas de muito bom gosto e bello efeito, dominando no arco cruzeiro e no trono da Virgem, as cores azul e branco.

Os nossos louvóes aos promotores e organisadores de esta sympathica festividade

×

Também no Círculo Católico d'Operarios, d'esta villa, se festejou a Padroeira de Portugal, havendo em sua honra, no edifício do Círculo, uma sessão solemne, a que presidiu o rev. cura d'esta villa sr. padre Manuel Vaz d'Almeida Torres e discursando os srs.: abade da Trofa, padre Bonifacio Lamella, director do Círculo, Oliveira Passos, professor da Varzea e dr. Reis Maia, inteligente advogado.

Todos os aradores foram muito aplaudidos, devendo contudo especializar-se o ultimo que, a instancias de alguns cavalleiros presentes, proferiu um magnifico improviso, entusiastico e patriótico, arrancado por vezes fartos aplausos á numerosa assistencia.

O Círculo Católico d'Operarios distribuiu n'esse dia esmolas a 100 pobres.

A banda da Officina Azylo, tocou durante o dia pelas ruas da villa e, à noite, junto do edificio do Círculo.

O nosso agradecimento pelo amavel convite que nos enviaram para assistir-mos a esta festa.

×

A noite quasi todas as casas das principaes ruas da villa appareceram illuminadas em honra da Excelsa Padroeira dos Portuguezes. O povo barcellense deu, assim, uma eloquente prova dos seus sentimentos religiosos.

Cruzeiros e pelourinhos

Todos os barcellenses se lembrão ainda do que certa imprensa local disse de uma cámara progressista, que aquí ha annos commeteu o nefando crime de mandar ressustar o formidissimo pelourinho de Barcellos, ha muitos annos votado ao mais condinval abandono.

A essa critica, por signal bem pouco serena e justa, respondeu «O Commercio de Barcellos», e, poucos dias depois, um jornal de Lisboa, A Nossa Pátria, em primorosos artigos firmados pelos distinctsos jornalistas da capital, os srs. Alberto Béga e Silva Leal.

Foi de tal modo brillante a replica desses eruditos escritores, que o maldizente metteu a viola no saco e não mais falou dos pelourinhos, resolução esta que, por muito acertada, todos applaudiram.

Houve, porém, um conspicio correspóndente d'esta villa para um diario do Porto, que não se notabilisou menos na celebre campanha contra o pobre pelourinho barcelense.

Querendo dar tambem a sua facata na camara, por quem não morria d'amores, mas não fazendo do assumpto a mais rudimentar ideia, do que se havia de lembrar o homem?

De dizer, entre outras bernardices, que a camara de Barcellos, resolvendo o infame monumento (1), retrogradava aos ominosos tempos do sr. D. Miguel I^º!

Imagino o leitor que o judicioso critico ficou sem resposta?

Perdo engano. Tive-a agora e completa. Deu-lha o governo provisório da Republica Portuguesa, por intermedio do ministro do interior, sr. dr. Antonio José d'Almeida, na seguinte circular enviada a todos os governadores civis:

«Tendo chegado ao conhecimento de s. ex.^a o ministro do interior, que pela manutenção e conservação dos cruzeiros e pelourinhos, não tem havido aquele respeito, que era para desejar e que foi instantemente recomendado na circular d'esta direcção geral de quinze de janeiro de mil novecentos e seis; o mesmo ex.^m ministro me encarrega de chamar a cuidadosa atenção de v. ex.^a para o seu contheudo, afim de que seja rigorosamente cumprida.»

A Bandeira da república

Como já se sabe, foi escolhida, provisoriamente, até ás constituintes, pelo provisório governo da Republica, uma bandeira verde e vermelha para a mesma Republica.

A escolha da nova bandeira só ag adou a jacobinagem dominante.

Guerra Junqueiro, que não é adhesivo, e cujo cérebro vale milhares de vezes mais do que o de todos os jacobinos e adhesivada respectivamente, bem se esfalfou pregando ás brutas gentes a beleza das cores da antiga bandeira nacional, mas perdeu o seu tempo o inmortal poeta dos «Simples». O seu modelo, com as cores azul e branco, teve com certeza o aplauso da grande maioria da nação, mas não foi adptado.

Foi, de certo, sacrificado, à tirania dos heróes da jacobinaice que tudo mandam.

Na Sociedade de Geographia, expôz o poeta, o seu modelo para a nova bandeira dos portuguezes,

que sómos todos nós e não só os republicanos e adhesivos, constando que a direcção d'aquelle agrémiação científica vai solicitar do paiz a sua opinião sobre o assumpto.

E' muito bem entendido que os partidários da bandeira verde e vermelha também conviadam, no Porto e em Lisboa, os cidadãos a dar o seu voto sobre o caso.

Deve ser um grande triunfo para Guerra Junqueiro o resultado d'estes plebiscitos, é claro, se votarem todos os portuguezes.

Pela nossa parte, neste assumpto, estamos com o «Correio da Manhã».

E' justo o entusiasmo dos republicanos pelo encarnado e verde, nada querendo com azul e branco.

Cá para nós tambem guardamos uma azul e branca, a antiga tal e qual, quando mais não seja, para guardá-la religiosamente.

Reapareceu ha dias este nosso presado collega, orgão

dos estudantes monarchicos de Coimbra.

E dirigido pelo sr. Fernando Cortez Pizarro de Sampaio e Mello.

Querendo dar tambem a sua facata na camara, por quem não morria d'amores, mas não fazendo do assumpto a mais rudimentar ideia, do que se havia de lembrar o homem?

De dizer, entre outras bernardices, que a camara de Barcellos, resolvendo o infame monumento (1), retrogradava aos ominosos tempos do sr. D. Miguel I^º!

Imagino o leitor que o judicioso critico ficou sem resposta?

Perdo engano. Tive-a agora e completa. Deu-lha o governo provisório da Republica Portuguesa, por intermedio do ministro do interior, sr. dr. Antonio José d'Almeida, na seguinte circular enviada a todos os governadores civis:

«Tendo chegado ao conhecimento de s. ex.^a o ministro do interior, que pela manutenção e conservação dos cruzeiros e pelourinhos, não tem havido aquele respeito, que era para desejar e que foi instantemente recomendado na circular d'esta direcção geral de quinze de janeiro de mil novecentos e seis; o mesmo ex.^m ministro me encarrega de chamar a cuidadosa atenção de v. ex.^a para o seu contheudo, afim de que seja rigorosamente cumprida.»

Aurora do Lima

Depois de uma curta suspensão e pertencendo agora a nova empreza, reapareceu ha dias este nosso presado collega de Viana do Castello, decano dos jornaes do Minho.

Apezar da sua idade já bastante avançada, a Aurora do Lima, apparece-nos muito removada e cheia de vida a combater, como jornal independente, pela Patria e especialmente pelos interesses do seu distrito.

Sau lamos este nosso estimavel collega a quem desejamos as maiores prosperidades.

Invernia

Estamos em pleno inverno, ha algumas semanas, com rápidos intervalos.

Na ultima e corrente semana, especialmente, temos sofrido a impertinencia de uma invernia constante que, nos ultimos dias, assumiu as proporções de um temporal medonho, cujos efeitos acarretam sempre grandes prejuizos.

Tem havido de tudo: trovoadas, chuva torrencial e uma ventania assustadora pelos seus arremedos de furação.

O Cavado engrossou consideravelmente, tendo já a sua corrente causado danos em algumas partes.

Oxalá que este tempo se prolongue muito para não causar mais prejuizos.

Dia a dia

Fazem annos

Hoje, a ex.^{ma} sr. D. Eliza Gomes Vinha e os srs. dr. Manuel Bellesa da Costa e Almeida Ferraz e P.º Augusto Carvalho.

Amanhã, a ex.^{ma} sr. D. Rosa Emilia Machado Paes de Fonseca Morenho.

Dia 13, o sr. Domingos Pereira Gomes Rosa.

Dia 14, a ex.^{ma} sr. Consessa de Villas Boas e os srs. Conselheiro José Luciano de Castro e major Domingos de Souza Vellozo.

Dia 16, a ex.^{ma} sr. D. Anna Brantli e o sr. Sebastião Almeida Soriano.

Com sua ex.^{ma} esposa e filho, o nosso presado amigo sr. dr. Ruy Paes, retirou-ha dias para Lisboa o nosso respetarvel patriarca sr. dr. Manuel Paes de Villas Boas.

No ultimo domingo foi solemnemente baptizada na egreja Matriz d'esta villa,

Maria das Prazeres Vessadas Salazar de Campos e d. sr. dr. Mirão de Campos, distinto medico.

A neófita recebeu o nome de Maria Adelaide, servindo-lhe de padrinhos os thios maternos, a ex.^{ma} sr. D. Maria Adelaide Vessadas Salazar e o sr. Fernando Salazar.

Esteve ha dias no Porto o nosso presado amigo sr. dr. Vieira Ramos, distinto astrologo e notario n'esta comarca.

— Também esteve na mesma cidade o nosso estimavel amigo sr. Comendador M. J. Coelho Gonçalves, conciudado comerciante n'esta comarca.

— Continua enfermo o nosso presadissimo amigo e prestante colaborador rev. sr. Antonio Fernandes Paes de Villas Boas, muito digno e ilustrado abade de S. Martinho d'Alcoba.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

— Estiveram em Braga, o sr. Accacio Coimbra, digno e ilustrado escritor de fuzenda d'este concelho, e Aurelio Ramos, estimavel comerciante.

— Vimos ha dias em Barcellos o sr. dr. Alvaro de Lacerda, antigo secretário geral de Portalegre.

Anuncios

Arrematação

A comissão administradora do Recolhimento e Asylo d'Infancia Desvalida e da Officina Asylo do Menino Deus, d'esta villa, torna publico que no dia 26 do mes corrente, pelas 3 horas da tarde e na sala das sessões do Recolhimento, se tem de proceder á arrematação do fornecimento dos generes alimenticios para o anno economico que decorre de 1910 a 1911, incluidos nos seguintes grupos:

Mercearia — Cereais — Pão de trigo — e — Carnes verdes.

As condições e amostras dos generes de mercearia escolhidos, estão patentes no edifício da Officina, em todos os dias úteis, desde as 8 horas da manhã ás 7 horas da tarde.

Barcellos, 8 de dezembro de 1910.

O Presidente da Comissão, Joaquim Gonçalves Paes de Villas Boas.

Arrematação

2^a publicação

No dia 11 do proximo mes de dezembro pelo meio dia, e á porta do tribunal judicial, d'este juizo haverá ter lugar a venda por arrematação, por metade do seu valor dos seguintes predios visto que tendo entrado hon-

tem em praça não tiveram lançador:

O campo da Agra Grande, terreno de lavradio com arvores de vinho e agua de rega, situado no logar da Agra Grande, freguezia de S. Roanão de Fonte Coberta.

Entra em praça na quantia de 225\$000 reis

Uma bouça de matto com pinheiros, denominada campo de Fontão, situada no logar de Fontão, da mesma freguezia.

Entra em praça na quantia de 150\$000 reis.

Estes predios são arrematados em virtude da execução hypothecaria que Manuel d'Oliveira Costa, casado, proprietario, da freguezia de Outiz, comeca de Famalicão, move contra José da Silva Pereira e a mulher Anna d'Araujo, da referida freguezia de Fonte Coberta.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilheis inteiros desconta-se 3% de commissão.

Remetem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 24 de novembro de 1910.

O thesoureiro,

Barcellos, 28 de novembro de 1910.

Verisquei:

O Juiz de Direita,

Arriscado de Lacerda.

O escrivão substituto José Casimiro Alves Monteiro.

LOTERIA

DA
ST.^a GASADAMERICORDIA DE LISBOA

260.000\$000 REIS

Extracção a 23 de Dezembro de 1910

Bilhetes a... 100\$000 reis

Vigesimos a... 5\$000 reis

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vizesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 reis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

Pelo presente são citados todos os credores incertos dos executados para virem assistir á arrematação e mais termos do processo.

L. A. de Avellar Telles.

Milho e batata

ADUBOS COMPLETOS PARA ESTAS CULTURAS
Formulas em harmonia com

a composição das terra
Enviar amostras das terras para a

Delegação da Companhia Uuião Sabril
Rua Mousinho da Silveira — 257

O Commercio de Barcellos

LOJA DO POVO

—DE—

* João de Sousa *

RUA D. ANTONIO BARROSO * BARCELLOS

SEMPRE:

Magnifico sortido de flanellas pretas, piquets, diagonais e casimiras de cér, para fatos de sobrecasaca, casaca frak e palletot.

Yrica collecção de phantasias para vestidos, etc.

Flanellas, chitas, morins, pannos erus, riscados, etc., etc.

Completo sortido de mudezas e tecidos para forros

Ninguem compre sem ver o sortido d'est casa, que tem por norma:

Vender barato para vender muito.

PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

Edificio do Hospital

Director—Aurelio Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

—Esmerado sortimento de todos os artigos que guarnecem uma boa pharmacia. Agencia de seguros.

Companhia de Seguros

—Fraternidade—

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital—200:000\$000 reis

Setimo anno de bonnus aos srs. segurados

Est acompanhia effectua seguros marítimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agentes em todas as localidades da província do Minho.

Séde em Braga.

Agente em Barcellos.

Eduardo Illydio Vieira Ramos

Adubações acommodadas ás culturas

Alem de marcas feitas para muitas culturas existem á venda das melhores casas de Lisboa os «componentes» de todas as adubações apropriadas ás diversas culturas:

Nitrito de sodio

Sulfato de amoníaco

superphosphates de cal

Phosphate Thomaz

Chloreto de potassio

Sulfato de potassio

Gesso, etc. etc. etc.

Há sempre o maximo escrupulo na preparação dos adubos encomendados para que os seus effeitos sejam seguros.

Prestam-se esclarecimentos quando sejam precisos ou exigidos para a applicação d'estes mesmos adubos.

Pedidos a

JOAQUIM GONÇALVES DA SILVA MATTOS

Medidor oficial da Camara Municipal de Barcellos

RUA FARIA BARBOSA, 49

Todos os adubos consumidos nos ultimos dois annos, —por signal com extraordinarios resultados—teem sido fornecidos exclusivamente pela importante e acreditadissima Casa Herold & C.º de Lisboa.

Pharmacia e Drogaria

CARLOS MARIA VIEIRA RAMOS

Pharmaceutico

Serviço permanente

Depósito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Águas mineraes—Algalias—Fundas—Soringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completo sortido de tintas, oleos, alvaiados, vernizes, pincois, etc.—Medicidado nos preços—Pulverisadores dos melhores

reis

O „MUNDO ELEGANTE“

Ilustração Universal

DIRECTOR—A. de SOUSA

Magnifica publicação de literatura e modas

Edição completa ou dois numeros por mez, sendo um consagrado a modas e musica e outro a litteratura, bellas artes, theatro viagens, etc.

Redacção e administração Paris Rue Bergere, 30-bis

Encyclopedie das Familias

Revista ilustrada de instrucción e recreio

A encyclopedie mais util e economica que se publica em Portugal. Cada anno de 12 numeros,—800 reis, numero avulso, 100 reis. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor Manoel Lucas Torres, rua Diario de Notícias, 93—Lisboa.

A MODA ILUSTRADA

Jornal das familias

Publicação semanal

Directora—D. Leonor Maldonado

Explendido jornal de modas contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéis, toilletes, fantasias e confeções tanto para senhoras como para crianças.

80 e 100 reis por semana no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias e na do edito Antiga casa Bertrand—José Bastos

Rua Garrett, 75
LISBOA.

ANTIGA CASA MARQUES

SUCCESSOR

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

Rua D. Antonio Barroso—(Antiga Rua Direita)
—BARCELLOS—

Completo sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras. Ferro T e arame para ramadas. Arcos de ferro para vasilhas. Camas de ferro, lavatorios e colchões. Carboneto, tintas e vidros. Sulfato de cobre e enxofre.

Pulverisadores de todos os sistemas. Ferro e aço de todas as dimensões, para ferreiro. Carvão de forja. Legítimos «Gobet» e «Vermorel». Bambus e demais accessórios. Ferragens completos para limpadores, arados e esmagadores. Arados e charruas de ferro. Bicos e parafusos para as mesmas. Charruas e bombas aos preços da fábrica. Agente das celebres bombas de pressão «Klein». Prensas para espremer bagaço, sistema «Mabille» e outros. Cofres á prova de fogo. Preços modestos. Qualidade garantida.

Aguas de S. Vicente—(Entre-os-Rios)

E' poderosa a sua ação nas affecções chronicas dos órgãos respiratórios, estomago, figado, intestinos, apparelho urinário e pele.

Esta estancia e Grande Hotel de S. Vicente abertas de 2, de maio a 15 de outubro.

Depósito em Barcellos

Pharmacia

Carlos Maria Vieira Ramos

—«O Commercio de Barcellos»—

SEMANARIO MONARCHICO,

Redacção, administração e typographia:

Rua D. Antonio Barroso, 46-1.º

ASSIGNATURAS:

[Pagamento adeantado]

Barcellos:) trimestre.....	300 reis
) semestre.....	600 "	
No Paiz) trimestre.....	360 "
) semestre.....	720 "	
Brazil) anno.....	25400 "

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha.....	30 reis.
Repetição.....	20 "
Communicados, linha.....	40 "

—Os srs. assignantes teem 25 % d'abatimento.

—Annuncios litterarios, gratis, mediante um exemplar à redacção.

—Annuncios-reclame annuas, contrato especial.

Grandes armazens de fazendas

—de—

Aurelio Ramos

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende:

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas—Barcellos

TUDO MAIS BARATO

Do que em parte alguma

Ninguem compre nada sem ver os novos preços, com desenhos Casa de mais de 100:000 artigos - Freire - Gravador, grandes reduções em tudo.

Peçam gratis o novo catalogo geral n.º 3 que acaba de ser publicado, que deve existir em todas as casas, consta de Talheres, Carimbos, Ferragens, Papelaria e prensa de copiar. Livros em branco. Colheiras, navalhas de barba e todos os artigos de barbeiro, aneis, agua de pintal o cabello, numeradores, typographies portateis, letras e chapas esmaltadas, fogareiros a petroleo e alcool, filtros, balanças, fogões para quarto, máquinas de manteiga, carne e amendoa, ferros de friser, carteiras, malinhas e monogrammas em prata, dourador em casa, ganchos para roupa, lacre, ferros para selar a chumbo, candeiros, rateiras, barbeiro em casa, binóculos, canetas com tinta permanente, moinhos para café, sobonete de tirar nodoas, crepons, esporas, sellos em branco, aparelhos de gymástica, campainhas, galhetos, machinas para cortar cabelo, brinquedos, facturas, bilhetes talões, rotulos a cores, retratos a crayon — tudo seccões completas de todos os artigos no genero, com officinas, fábricas diversas, premiado com 3 medalhas de ouro, FREIRE-Gravador, Rua do Ouro, 158 a 164 — LISBOA

BIBLIOTHECA DE EDUCACAO NACIONAL

AS MENTIRAS CONVENCIONAES

DA NOSSA CIVILISACAO

Por Max Nordau

Traducção de Agostinho Fortes

Traducção mensal de elegantes volumes de duzentas paginas pela insignificante quantia de 200 reis em brochura, e 300 reis encadernado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer!

Condições d'assignatura, (pagamento adeontado por valle do correio ou em estampilhas postaes, por carta registada), franco de porte:

Anno, 12 volumes, brochado.....	25400
Meio anno, 6 volumes ".....	12200
Avulso.....	200
Anno, 12 volumes, encadernado.....	35600
Meio anno, 6 volumes, ".....	15800
Avulso.....	300

A' venda em todas as livrarias, correspondentes de província e no editor—ABEL ALMEIDA.

Rua 1, do Alecrim, 80 82—Lisboa.